

REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

FILOLOGIA, ESTUDOS LITERÁRIOS E CULTURA ESCRITA

ARTIGO

A POÉTICA DE EURICO ALVES E OS ECOS DAS LEITURAS MODERNISTAS

THE POETICS OF EURICO ALVES AND THE ECHOES OF MODERNIST READINGS

ALINE DE OLIVEIRA SILVA

Mestra em Estudos Literários pela UEFS. E-mail: aline.oliveira96@gmail.com

CLAUDIO CLEDSON NOVAES

Doutor em Teorias da Comunicação pela USP. Professor da UEFS. E-mail: ccnovaes.orientacoes@gmail.com

RESUMO

O artigo discute os aspectos modernistas da obra de Eurico Alves Boaventura, vinculando sua poética ao conceito de “tradicionalismo dinâmico” na implantação das tendências modernistas na Bahia entre as décadas de 1920 e 1930. A partir da análise dos *Poemas Metálicos* (1926-1932), publicados em revistas literárias da época, examina-se a presença de temáticas modernas e futuristas, bem como a inovação estilística que caracterizou o autor como poeta inventivo e dissonante no cenário baiano. Apoiado em referências críticas como Rita Olivieri-Godet e Monalisa Ferreira, o estudo demonstra como a obra inicial de Eurico Alves dialoga com as diretrizes do modernismo paulista, ao mesmo tempo em que mantém raízes telúricas e regionais. A investigação evidencia a ambivalência entre tradição e modernidade na produção do escritor e reforça sua relevância para a compreensão da literatura modernista na Bahia.

Palavras-chave: Eurico Alves; modernismo; tradição e modernidade; poesia baiana; crítica literária.

ABSTRACT

This article discusses the modernist aspects of the work of Eurico Alves Boaventura, linking his poetics to the concept of “dynamic traditionalism” in the implementation of modernist trends in Bahia during the 1920s and 1930s. Based on the analysis of the *Metallic Poems* (1926-1932), published in literary magazines of the time, the study examines the presence of modern and futurist themes, as well as the stylistic innovation that characterized the author as an inventive and dissonant poet in the Bahian context. Drawing on critical perspectives such as Rita Olivieri-Godet and Monalisa Ferreira, the research shows how Eurico Alves’s early works engage with the principles of São Paulo modernism while retaining regional and rural roots. The study highlights the ambivalence between tradition and modernity in the writer’s production and reinforces his importance for understanding modernist literature in Bahia.

Keywords: Eurico Alves; modernism; tradition and modernity; Bahian poetry; literary criticism.

EURICO ALVES: O POETA VAQUEIRO FUTURISTA

Há escritores que alcançam cedo o reconhecimento de seus contemporâneos. Usufruem, em vida, das reverências do público e da crítica, e contam com opções editoriais que asseguram a plena circulação de suas ideias. Outros, no entanto, por temperamento ou circunstância, têm sua obra restrita a um pequeno círculo de amigos e especialistas, o que, muitas vezes, dificulta a avaliação do seu verdadeiro legado intelectual. É nessa última vertente que situamos o poeta e escritor Eurico Alves. Quando faleceu, em 1974, aos 67 anos, [sic] ele deixou praticamente inédita em livro uma vasta e multifacetada produção literária, que incluía, poemas, crônicas, contos e ensaios diversos (Boaventura, 2006, p. 242).

O poeta e ensaísta Eurico Alves Boaventura, tratado aqui, ora por Eurico Alves, ora somente por Boaventura (figura 1), será neste trabalho, abordado em aspectos vários de sua obra, considerando seu modernismo, seu ativismo na “formação” de uma historiografia do sertão, e, principalmente, sua relação memorialista e conservadora dinâmica¹ com a cidade sertaneja de Feira de Santana-BA.

Eurico Alves em seu texto talvez mais conhecido, “Elegia para Manuel Bandeira” (1931), se nega enquanto poeta e se autodeclara vaqueiro: “Que poeta nada! Sou vaqueiro.”²; problematizaremos em nossa análise da obra e do autor esta faceta da ambiguidade em suas composições literárias e historiográficas.

Eurico Alves Boaventura, advogado, juiz de direito, poeta, cronista, contista, ensaísta e vaqueiro, nasceu a 27 de junho de 1909, em Feira de Santana, no Largo dos Remédios, rua que tematizará muitas de suas poesias. O filho do Sr. Gonçalo Alves Boaventura e de D. Amaria Amélia Boaventura, traçaria um percurso notável tanto como jurista, quanto no campo das Letras, falecendo em 4 de julho de 1974 com 65 anos e um imenso legado de produção literária e historiográfica no sertão da Bahia. Com poucos registros de sua infância, as discussões a respeito do poeta começarão a fazer-se notáveis a partir de sua transferência para a capital da Bahia, Salvador, no ano de 1923, onde faria sua formação preparatória no Ginásio Nossa Senhora da Vitória, posteriormente no Colégio Bahia e por fim, ingresso na Faculdade de Direito da Bahia, em 1930.

O início da carreira de escritor de Eurico Alves se deu com publicações nas revistas “A Luva” e “Renascença”, no Jornal “O imparcial” e algumas poesias publicadas também em periódicos dos Estados de Pernambuco e Alagoas. Por volta do ano de 1927 compõe sua obra contista com a escrita reunida e publicada postumamente sob o título “Cipós Verdes” (2009). Teríamos a partir deste momento a inserção do autor na vida literária e intelectual de uma Bahia que se insinuava modernista.

Com a notabilização de seus escritos no cenário baiano, Eurico Alves passa a integrar um dos grupos literários

dominantes da época na capital baiana, o grupo liderado pelo intelectual Carlos Chiacchio, que se configuraria depois no periódico de maior representatividade na Bahia modernista: a revista Arco & Flecha (1928-29).

A inserção de Eurico Alves na Arco & Flecha, ocorre a partir da leitura que o poeta Carvalho Filho, faz de um caderno de apontamentos de Eurico Alves em sala de aula – eles eram colegas de turma – e o convida a participar dos encontros do grupo.

Sob a liderança de Chiacchio na busca pela renovação da vida literária da Bahia, a geração jovens de escritores, incluindo Eurico Alves, sob o signo do “Tradicionismo dinâmico”³, buscava atentar-se para as renovações que aconteciam na literatura brasileira, considerando o movimento modernista do sul, que chegava a Salvador através de revistas e de jornais nacionais, mas sem esquecer de comeder-se no tratamento das novas temáticas, e sem deixar de abordar as temáticas telúricas e regionais. Temáticas recorrentes em todo projeto literário de Eurico Alves.⁴

Partindo do pressuposto de uma escrita moderna comedida, Eurico Alves destacara-se no cenário de escritores baianos com suas poesias iniciais (1926 – 1932) que contemplam os “Poemas Metálicos” (1926 – 1932)⁵ de temáticas modernas e futuristas na euforia modernista da Bahia dos anos 20. Poemas resultantes da influência de leitura poética de Émile Verhaeren com notável inovação no processo estilístico e experimentalismo da experiência do homem moderno, conforme Oliveiri-Godet (1999, p. 19).

Figura 1 - Eurico Alves Boaventura, em 1946.



Fonte: A paisagem Urbana e o Homem, 2006.

Ainda no âmbito do modernismo que cerca a escrita de Eurico Alves, a crítica literária Monalisa Valente Ferreira, ao analisar a contribuição da produção moderna de Eurico Alves na revista “A Luva” (1925-1932),⁶ é ainda mais incisiva acerca do modernismo em Eurico Alves: “[...] textos de criação com uma estética visivelmente inventiva, como os poemas e contos de Eurico Alves” (Ferreira, 2009, p. 89). A construção de Monalisa Ferreira se dá ao comparar o poeta Eurico Alves aos outros poetas da “Arco & Flecha” que também publicaram na revista “A Luva”.

Segunda Ferreira o movimento do “tradicionalismo dinâmico” pregava incorporação de fontes inovadoras, mas com retorno à tradição, sem pretensão de descontinuidade de formas poéticas (Ferreira, 2009, p. 89). Analisando o conto “A desavergonhada” e o poema “A galinha gorda da vida” de Eurico Alves, a autora descreve-o como um poeta dissonante e que seria o mais próximo esteticamente da produção modernista de São Paulo (p. 91), por seu procedimento de linguagem inovador. Ao tratar da linguagem direta e coloquial dos diálogos construídos por Eurico Alves, Monalisa Ferreira conclui:

Este recurso faz-nos dissociar, mais uma vez, o jovem escritor da proposta tradicionalista dinâmica, pois nele raramente surpreendemos aquela voz onisciente que flagramos na obra poética *Moema*, de Eugênio Gomes, e na própria produção de Chiacchio. Em Eurico Alves, a inovação estética é levada às últimas instâncias, mas naqueles outros dois, em meio a um verso e outro, que poderia ser considerado inovador, o que predomina, na verdade, é um emaranhado de preciosismo e formas neoclássicas (Ferreira, 2009, p. 89).

Passada a euforia modernista, Eurico Alves Boaventura, formado em direito em 1933, retorna a sua cidade natal, a Feira de Santana, a sua cidadezinha “do silêncio e da melancolia”, para usar uma das imagens do autor sobre a paisagem da cidade, inicia sua carreira de jurista, que compreende os anos de 1935 a 1970 quando se aposenta como Juiz de Direito.

Durante a carreira de magistrado, o poeta, inspirado pelas paisagens das cidades sertanejas onde trabalhou e morou, teve seu projeto de escrita subsidiado pelas muitas vilazinhas silenciosas. Contos, crônicas, poesias e ensaios foram liricamente ditos sob as paisagens da vida do poeta, que compôs a segunda fase de sua construção poética com uma versão idealizada e idílica do sertão, e uma terceira fase que se deu desencantada, introspectiva e melancólica com maior dedicação as crônicas e a algumas poesias finais anos 50 e 60. Rita Oliveiri-Godet considera assim a última fase poética de Boaventura:

O poeta funda sua poesia nas categorias negativas, exibindo a solidão do indivíduo frente ao tumulto dolorido do mundo. Rompe-se o encantamento da relação harmoniosa com o mundo: o poeta-cidatino sertanejo recia o impasse existencial do homem moderno (Oliveiri-Godet, 1999, p. 35).

No cenário moderno da poética de Eurico Alves encontramos a face mais exponencial de uma obra em sintonia com os tempos modernos da Bahia da década de 20, como também a marcada ambivalência da escrita do poeta: o discurso poético moderno com exaltação e louvor ao ritmo progressivo industrial e à urbanização e o poético do ruralismo e suas “cidadezinhas não tocadas pela mão do homem”.

Críticos e estudiosos colocam-no ao centro da renovação literária da Bahia como um dos propositores de um novo versar sobre as cidades e o desejo de síntese harmônica entre tradição e progresso, a busca pelo progresso das cidades, mas com a manutenção da identidade da cidadezinha rural, temática que revelará, posteriormente, o desconforto do poeta frente as transformações no campo.

O lugar fronteiro da poética de Boaventura descreveu a mudança do mundo rural para o mundo moderno com entusiasmo e desconforto, as transformações que a metamorfose progressista impôs aos campos foram registradas pelos poetas modernistas. Eurico Alves versou sobre a mudança da paisagem física de sua cidade. Por vezes como um verso nostálgico de uma cidadezinha transmutada em cidade comercial.

O experimentalismo estilístico da poesia de Eurico, utilizando-se de recursos formais que tendem a fundir os meios expressivos vanguardistas com a cadência rítmica da tradição oral popular e os diversos matizes da temática urbana que ela encena, louvando e questionando o progresso, confrontando técnica e natureza, rural e urbano, arcaico e moderno, denotam que a obra poética do jovem Eurico Alves nasce afinada com os problemas do mundo moderno e com as diretrizes modernistas (Oliveiri-Godet, 1999, p. 35).

A representação ambivalente que Eurico Alves constrói nos permite olhar para uma dialética arcaica e moderna em que a tecnologia é exaltada em alguns poemas, e em outros privilegia “uma perspectiva em que a máquina é a um só tempo, elemento de construção e de destruição;” (Oliveiri-Godet, 1999, p. 21), e ainda engloba o poema “Sertanejo” que representa a predominância da temática telúrica que marca o projeto literário e historiográfico de Eurico Alves.

Esta ambivalência pode ser considerada por temos na realidade poética da cidade do eu lírico de Boaventura, uma distância da realidade moderna/urbana observada na cidade da Bahia à época. Eurico versa a cidade por um futurismo de abstração, para utilizar o conceito de Rubem Alves:

No caso de Eurico Alves, poderia se falar de um **futurismo de abstração**, ou seja, experiência parcial e contraditória em relação ao ideário futurista em termos temáticos e de tratamento da linguagem poética. Eurico mantém-se entre campo e cidade, máquina e tradição, velocidade urbana e lento ritmo interiorano. Enfim, sua poesia futurista é duplamente nostálgica: seja pelo que o poeta **não viveu** em termos de “progresso” (o qual é mais uma aspiração estética

que experiência real), seja pelo insidioso imaginário telúrico sempre presente (Oliveiri-Godet, 1999, p. 87, nota de rodapé 7, grifos nossos).

Por esta distância e por seu arraigamento sertanejo a face modernista de Eurico Alves encontrou, mesmo nesta época de composição poética sob os ditames do movimento modernista, seu explícito enraizamento telúrico, que seria tônica da composição de sua obra.

Juraci Dórea citando Pinto de Aguiar ao falar sobre a revista “Arco & Flecha” e as temáticas adotadas pelos jovens escritores, diz sobre Eurico:

Eurico era o “mais avançado” do grupo. “O de posição mais renovadora e irreverente. Era o que tinha mais profundamente arraigado o sentimento da terra e da gentes brasileiras”. E mais: “Nós éramos homens da capital. Por isso talvez não tivéssemos tanto o sentimento telúrico quanto ele. As nossas realizações eram muito mais panteístas, de acordo com a tônica dominante na época (Oliveiri-Godet, 1999, p. 75).

A poetização citadina de Eurico Alves que buscou na efervescência modernista que o poeta viveu à época da formação em Salvador, numa tentativa de síntese harmônica entre os mundos arcaico e moderno, não se consolidou totalmente, tendo em vista o poema “Destino”⁷, que representa as reminiscências das leituras do poeta belgo Émile Verhaeren, a imagem de a cidade se alimentar da morte do campo, quando Eurico Alves visualiza a possibilidade do apagamento da identidade sertaneja e pastoril:

Depois, os carros velozes levarão, para o bojo das cidades aniquiladoras,
a messe maravilhosa que a terra produziu;
depois, os guindastes arrancarão, para a boca metálica dos cargueiros,
a fatura que a terra ignorada na sua bondade lhes deu;
levarão para o congestionamento dos armazéns de luxo, para a bolsa das mercadorias,
apregoados pela voz silenciosa dos cobichados algarismos de cotação,
o trabalho anônimo do homem rude da minha terra longínqua...

Irá, talvez, ser o conforto ou o capricho das mulheres bonitas das cidades maravilhosas.

(Alves, 1990, p. 23).

A dinâmica do poema propõe a leitura de um campo violentado pelo progresso e pela exportação dos produtos da agricultura em função da construção de um espaço numa perspectiva moderna em que a máquina, retomando Olivier-Godet, assume um papel, ao mesmo tempo, construtora e destruidora neste espaço. Ergue e destrói coisas belas.

O dizer de Boaventura sobre a cidade moderna e sobre o campo se revelará apaixonado pelo último e, posteriormente aos “Poemas metálicos”, assumirá o compromisso com a

defesa dos valores morais e culturais da civilização do sertão e da sua cidade sertaneja: a lítica Feira de Santana. Em uma “batalha pessoal da manutenção do passado agropastoril e da caracterização da Feira de Santana como cidade sertaneja” (Santana, 2020, p. 270).⁸

A rememoração apaixonada de Eurico Alves ao versar descontente sobre as mudanças na paisagem do, seu lugar, São José das Itapororocas, e depois da Fazenda Sant’Anna dos Olhos D’Água na Alta e Comercial Cidade de Feira de Santana, revela:

[...] um intelectual ousado, que desejava arquivar as culturas sertanejas, antes que as máquinas modernistas destruíssem tudo, lhe restando apenas as memórias e o saudosismo (Santana, 2020, p. 20).

E a nostalgia de um poeta filho de donos de casa- de-fazenda, “cuja história da cidade se confunde com a história da família Alves de São Boaventura” (Oliveiri-Godet, 1999, p. 72), da qual trataremos futuramente amparados em suas poesias, crônicas e ensaio. Em um projeto literário apaixonado, como situa Valter Soares “[...] que se considere apaixonado o seu dizer e parcial o seu julgamento” (Soares, 2009, p. 61), e com uma incessante busca identitária recheada de arqueologia sentimental, realidade, memória.

NOTAS

¹Proposta de Carlos Chiacchio na revista Arco & Flecha (1928-29) da Bahia modernista, que veremos a seguir, da qual Eurico Alves foi peça fundamental.

²ALVES, Eurico. Poesia. Salvador: Fundação das Artes/Empresa Gráfica da Bahia, 1990. p. 64.

³Tradicionalismo dinâmico significa manter a tradição movimentando-a, agitando-a para não morrer ou não ser apenas decorativa. ALVES, Ivia. In: OLIVEIRI-GODET, Rita. A poesia de Eurico Alves: imagens da cidade e do sertão. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1999. p. 106.

⁴O acervo do poeta Eurico Alves Boaventura pertence ao Museu Casa do Sertão na UEFS, por doação da família, mas ainda está em fase inicial de catalogação e estudos da vasta documentação que o compõe.

⁵Os poemas Metálicos são: *Petróleo, Bahia, Raça, Usina, Barragens, Dinamo, Arado e Sertanejo*. In: ALVES, Eurico. Poesia. Salvador: Fundação das Artes/Empresa Gráfica da Bahia, 1990. p. 13 - 31.

⁶Ver FERREIRA, Monalisa Valente. *Os dedos de Eurico Alves vestem A Luva (a revista, o modernismo baiano e o poeta dissonante)*. In: Léguas & Meia: Revista de literatura e diversidade cultural. Feira de Santana, UEFS, Ano 7, n° 5, 2009, p. 87-103).

⁷*Destino*. In: ALVES, Eurico. *Poesia*. Salvador: Fundação das Artes/Empresa Gráfica da Bahia, 1990. p. 23.

⁸SANTANA, Artur Vítor de Araújo. “HOMENS VERTICAIS AO SOL”: a construção do vaqueiro em Eurico Alves Boaventura (1928-1963). Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, p. 190. 2020.

REFERÊNCIAS

ALVES, Eurico. **Poesia**. Salvador: Fundação das Artes/Empresa Gráfica da Bahia, 1990.

BOAVENTURA, Eurico Alves. **A Paisagem urbana e o homem – memórias de Feira de Santana**. Feira de Santana: Editora UEFS, 2006.

FERREIRA, Monalisa Valente. **Os dedos de Eurico Alves vestem A Luva (a revista, o modernismo baiano e o poeta dissonante)**.

Légua & Meia: Revista de Literatura e Diversidade Cultural. Feira de Santana, UEFS, v.7, nº 5, 2009, p.87-103.

SANTANA, Artur Vítor de Araújo. “**HOMENS VERTICAIS AO SOL**”: a construção do vaqueiro em Eurico Alves Boaventura (1928-1963). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2020. 190 p.

SOARES, Valter Guimarães. **Cartografia da Saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja**. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS Editora, 2009.

OLIVIERI-GODET, Rita. **A poesia de Eurico Alves: imagens do campo e da cidade**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo: Fundação Cultural: EGBA, 1999.